

**A COMPETÊNCIA COMUNICATIVA INTERCULTURAL
EM UM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZADO
NA PERSPECTIVA
DE UMA COMUNIDADE DOCENTE INDÍGENA**

João Otávio Chinem Alexandre Alves (UCDB)

joaootavioalves@live.com

Arlinda Cantero Dorsa (UCDB)

acdorsa@uol.com.br

RESUMO

Este trabalho é fruto de pesquisa realizada na iniciação científica (PIBIC) em uma universidade confessional e tem como ponto de partida os estudos já realizados pelo Grupo de Pesquisas e Estudos em Tecnologia Educacional e Educação a Distância (GETED) no qual este pesquisador está inserido. Volta-se para um estudo sobre a competência comunicativa intercultural focalizada na formação continuada dos professores indígenas, tanto presencial quanto virtual no ambiente do *facebook*. Objetiva-se com a pesquisa: (i) investigar como tem ocorrido a formação continuada dos professores indígenas no ambiente virtual, criado pelo nosso grupo de pesquisa; (ii) à luz das discussões teóricas sobre o tema proposto, analisar as estratégias de trocas, reflexões, experiências e informações utilizadas nas práticas discursivas dos docentes. Justifica-se esta temática em razão de que as diferentes culturas caracterizadas por diferentes perfis comunicativos diferentes trazem problemas comunicativos nos contextos interculturais. Analisar a formação docente em seu *locus* de atuação implica a necessidade de se comunicar com o outro, perceber e se compreender nesta convivência, possibilitar pela linguagem verbal ou não verbal o enfrentamento do mundo globalizado em fronteiras cada vez mais tênues sejam culturais ou geográficas. Conclui-se que a cultura é responsável pelo recorte das realidades individuais e pelos comportamentos comunicativos, quanto mais se minimizam as dificuldades de interação comunicativa entre pessoas de cultura diferente mais eficácia haverá entre as culturas.

Palavras-chave:

Comunicação intercultural. Ambiente virtual de aprendizagem. Indígena.

1. Introdução

Este texto é fruto de pesquisa em iniciação científica (PIBIC) e tem como ponto de partida os estudos que vêm sendo realizados a partir do Grupo de Pesquisa e Estudos em Tecnologia Educacional e Educação a Distância (GETED). Faz parte de uma discussão que tem como escopo principal investigar como tem ocorrido a formação continuada dos professores indígenas no ambiente virtual, criado pelo nosso grupo de pesquisa, e também, à luz das discussões teóricas sobre o tema proposto, analisar as estratégias de trocas, reflexões, experiências e informações utilizadas nas práticas discursivas dos docentes.

Esta comunidade docente analisada está situada em uma escola de ensino fundamental localizada na Aldeia Bananal, no município de Taunay – MS. A pesquisa neste local iniciou-se em 2011 a partir de encontros presenciais e virtuais no uso do ambiente virtual Ning e a partir de 2012 focou-se no ambiente *facebook*.

A pesquisa realizada é qualitativa e colaborativa no sentido que as experiências dos pesquisadores (alunos e professores) são valorizadas e compartilhadas a partir de um contexto social voltado à formação continuada dos docentes indígenas e não indígenas que trabalham nesta instituição escolar.

Neste contexto, os dados coletados nas postagens, no grupo da rede social *facebook* e *ning* servem como base para se analisar as práticas discursivas com um olhar na competência comunicativa intercultural.

A modernidade e os recursos tecnológicos têm conquistado espaço na área educacional. Uma vez que estes, bem utilizados, podem trazer grandes benefícios para quem utiliza tais ferramentas seja para expandir, aprimorar e até compartilhar o conhecimento.

Neste artigo, portanto, serão apresentados inicialmente as visões conceituais sobre competência comunicativa intercultural, sobre a formação continuada docente e finalmente as percepções colhidas nas análises dos textos postados no ambiente virtual e nos encontros presenciais.

2. A competência comunicativa intercultural no uso das linguagens

O indivíduo utiliza a língua não somente para procurar traduzir e exteriorizar um pensamento ou transmitir informações a outrem, mas sim

para realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor, seja ele ouvinte/leitor ou usuário.

Nesta prática comunicativa, podemos usar inúmeros tipos de linguagens para estabelecermos atos de comunicação, tais como: sinais, sons, gestos e regras como sinais convencionais (linguagem escrita e linguagem mímica, por exemplo).

Nesse contexto, as linguagens têm diferentes racionalidades, suas lógicas são de distintos tipos, mas a complexidade não só se dá nas diferenças, também se dá na combinação, já que na realidade as regiões são constituídas por uma combinação de regiões. A definição das fronteiras entre essas regiões depende com frequência da perspectiva com a qual é assumida a pesquisa.

Para Xavier (2002), a geração que tem crescido na rede de computadores tende a desenvolver várias habilidades como a independência e autonomia na aprendizagem, liberdade de expressão e convicções firmes, imediatismo e instantaneidade na busca de soluções, responsabilidade social. Este intercâmbio de informações nas redes sociais por meio de diferentes linguagens não só propicia um ensinar e aprender mútuos compartilhados pelos participantes da grande sala virtual sem professor fixo ou pré-determinado como também passam a representar um desafio no uso das diferentes competências.

Assume assim, um papel fundamental a linguagem como o lugar de interação humana comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores em uma dada situação de comunicação. O indivíduo ao usar a língua não somente procura traduzir e exteriorizar um pensamento ou transmitir informações a outrem, mas sim, realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor, seja ele ouvinte/leitor ou usuário.

Esta visão contempla novas formas de analisar a linguagem: os graus de formalidade ou informalidade, a adequação da linguagem ao contexto em que é produzida, a presença dos fatores textuais com ênfase na intertextualidade, intencionalidade, coerência e coesão, assim como a utilização de algumas funções da linguagem.

Não resta dúvida de que a produção e circulação de textos em ambientes virtuais produzem grandes desafios para a educação formal das novas gerações, neste contexto, observar como a inter-relação por meio da linguagem acontece em formação continuada dos professores indígenas por meio de um grupo de pesquisa, traz um desafio por permi-

tir que sejam observadas as diferentes modalidades utilizadas e quais atingiram os objetivos propostos.

Com relação às funções de linguagem, esta pesquisa evidenciou tanto na formação presencial como também na interação ocorrida no ambiente do *facebook*, as formações discursivas que ora se voltaram para o uso das funções:

- Expressiva ou emotiva: fundada na observação e anotação da atitude do emissor em relação à mensagem que quer transmitir, ou seja, observar o discurso emocional, subjetivo que cada docente utiliza seja pelo uso de adjetivações, exclamações, repetições tanto nas interações com os pesquisadores, como também as utilizadas no ambiente virtual.
- Informativa ou referencial: fundamentada no uso de estratégias informativas centradas no referente e na mensagem, que visa à elaboração de textos objetivos e impessoais centrados na troca de informação, dados da situação, exemplos, trabalhando com múltiplas ferramentas tais como vídeos, imagens, situações narrativas que colaboram com a construção de um enunciado que fale por si.
- Apelativa ou conativa: fundamentada na observação da forma de uso da linguagem, tanto por parte do professor, quanto dos pesquisadores, na forma de convencer ou tentar influenciar o interlocutor fazendo uso de vocativos, interjeições, pontos de vista pessoais, níveis de argumentação tendo em vista as inter-relações nos cursos propostos. Também se percebeu o uso de estratégias persuasivas centradas no receptor, ou seja, conjunto de argumentos que enfoquem os elementos da comunicação.
- Fática: fundamentada na observação da utilização de mensagens breves, prolongadas ou cortadas seja nos cumprimentos estabelecidos no início da interlocução com relação às diferentes ferramentas de comunicação.

Com relação ao grau de formalidade da linguagem, praticamente em todas as situações presenciais, quando da ida dos pesquisadores à Aldeia, houve a necessidade de flexibilizar as enunciações orais e escrita em razão da necessidade de estabelecer uma informalidade necessária que pudesse dar conta das interações necessárias.

Como relacionar então esta visão analítica da linguagem aos conceitos de competência comunicativa intercultural?

Coube a Hymes (1971), incorporar o uso social da língua considerando o contexto e assim estendendo a visão da competência comunicativa que implica o que falar, quando falar ou não falar, a quem, com quem e de que maneira falar.

Surgiu neste contexto o maior desafio para a pesquisa, inicialmente a necessidade de nos comunicar de forma efetiva e clara com os docentes, ter a percepção e compreensão necessária no enfrentamento da linguagem frente às fronteiras culturais e sociais.

Encontramos em Bennet (2002) que “o objetivo da comunicação intercultural é analisar as dificuldades de interação e aumentar a sua eficácia entre culturas. Se esse objetivo for alcançado, será um precioso instrumento para os encontros interculturais”.

Buscamos em Canale e Swain (1980) algumas competências necessárias para que se possa efetivar a interação comunicativa: gramatical – habilidades gramaticais e frasais; sociolinguística – uso da língua na compreensão contextual, situacional e social; discursiva – coerência na construção enunciativa a partir de princípios colaborativos e estratégica – eficácia da interação no uso de estratégias de enfrentamento.

Assim, uma comunicação intercultural se dará de forma mais eficaz se tivermos em mente as diferenças culturais, ou, em outras palavras, as diferenças de percepções inerentes a cada cultura, que estão em jogo nesta comunicação.

Frente a esta diversidade linguística os que atuam nesta área, segundo Freire (1996), devem se esforçar para conseguir se adaptar às divergências encontradas no seu *locus* de atuação, uma vez que a sua formação não lhe oportunizou uma teoria subsidiada pela prática docente.

É claro que esse conceito não envolve o desempenho real que o sujeito está em dada situação comunicativa, mas se refere sim ao conhecimento e habilidade que necessita ter nessa situação.

Sem dúvida, este conceito tem sido enriquecido com a incorporação da perspectiva textual e pragmática, uma vez que a comunicação eficaz envolve a construção de expressões linguísticas coerentes e coesivas como também à capacidade de interpretar intenções em um comunicado divulgado por outros subjacente. Se a linguagem é entendida como ação,

certamente aceitar que os parceiros não só adaptar a um determinado contexto, mas sim acreditar no processo de sua interação (JOHNSON 2004; BYRAM 1997).

Uma extensão interessante do conceito de competência comunicativa é levantada por Byram (1997) que se liga à educação intercultural. Para este autor, a competência comunicativa intercultural (ICC) é a capacidade de usar a língua em um contexto que entram em jogo diferentes identidades culturais, ou seja, formas em que os participantes do ato comunicativo se definem e veem o mundo e sua atuação nele.

Ao afirmar que a interculturalidade implica a compreensão e tomada de consciência crítica das diferenças e semelhanças, das atitudes e dos comportamentos humanos nas diversas culturas, Branco (2009) pressupõe atitudes voltadas à tolerância, respeito, exercício responsável de cidadania na resolução e mediação de possíveis conflitos que possam surgir.

Colabora com esta visão Rubio (2009), pois segundo o autor, a competência comunicativa intercultural requer um ato de vontade e conscientização sobre elementos subjetivos que podem influenciar o intercâmbio entre pessoas de diferentes grupos culturais.

Complementa este pensamento quando afirma que:

Consequentemente, um sujeito comunicativo e intercultural competente tem a capacidade de ser inserido em diferentes contextos, familiarize-se com eles e agir respeitosamente com as diferentes possibilidades de construção de identidade que outros tomaram, mostrando a capacidade de trocar informações de forma eficaz, e para estabelecer e manter relacionamentos positivos. (RUBIO, 2009, p. 281 – Tradução nossa)

Sem dúvida, a adoção de uma educação intercultural baseado na cidadania complexo deve levar à conquista de três atitudes básicas de acordo com (BOLIVAR, 2004; LARRAIN, 2001; HOPENHAYEN, 2000; e IPINA, 1997), citados por Rubio (2009, p. 279):

1. Concepção da identidade como uma construção histórica, flexível, em constante mudança, ausência de visão estática.
2. Defesa de uma postura proativa, comprometida com ações que busquem a igualdade, a oportunidade e o acesso a serviços de qualidade.
3. Abertura prospectiva, pensar em si mesmo como um cidadão do mundo, em favor da defesa da diversidade.

Ainda segundo Rubio (2009), sem dúvida, um professor que percebe a educação intercultural baseada em conceito complexo de aquisição da cidadania deve aumentar a concorrência da comunicação intercultural, uma vez que lhe permite agir assertivamente na criação de contextos amigáveis que permitem a expressão, descrição, aceitação, questionamento, pesquisa e integração dos vários modos de agir, sentir, ser e de pensar por parte dos alunos.

3. *O papel das redes sociais na formação docente*

Analisar a formação docente em seu *locus* de atuação implica a necessidade de se comunicar com o Outro, perceber e se compreender nesta convivência, possibilitar pela linguagem verbal ou não verbal o enfrentamento do mundo globalizado em fronteiras cada vez mais tênues, sejam culturais ou geográficas.

A formação docente nesses novos tempos tem levado muitos professores a repensarem seus procedimentos e sua maneira de ensinar e de aprender. Este repensar implica a construção do conhecimento em uma parceria com os alunos, no qual este precisa ultrapassar o papel passivo de aprender, de escutar, de decorar e de ser repetidor fiel dos ensinamentos do professor para tornar-se crítico, criativo, pesquisador atuante na produção de conhecimento.

Para ensinar é necessário um envolvimento maior com a prática pedagógica, que deve ir muito além do que ensinar o que os sistemas de ensino estabelecem nas grades curriculares.

Ao afirmar que o saber dos professores é plural e também temporal, Tardiff (2002) reforça que no contexto de uma história de vida e de uma carreira profissional este saber é adquirido e por encontrar-se constantemente em interação com outras pessoas: colegas e principalmente, alunos, a sua formação didática é fundamental à sua prática discursiva docente.

Justifica-se essa pesquisa no contexto do ensino que exige um professor preparado para responder aos desafios contemporâneos, especialmente às questões em sala de aula, e que como agente formador produz saberes e gerencia determinados fazeres que podem atender aos anseios dos alunos.

A discussão sobre prática discursiva docente, no uso de competência comunicativa intercultural, precisa ser vista não só na inserção das tecnologias de comunicação e informação nas atividades em sala de aula ou no uso de ambientes virtuais de aprendizagem. Segundo Fischer (2007, p. 291) deve voltar-se também “às nossas experiências com os saberes, às trocas com os outros, às formas de inscrever-nos no social, de escrever, de falar, de pensar o mundo e a nós mesmos, aos diferentes tipos de linguagens”.

A formação docente centra-se no discurso como prática social e prática discursiva segundo Barreto (2002, p. 17-18) destaca, os sujeitos e linguagem se constituem produzindo sentidos que estão inseridos em um “processo discursivo de cada formação histórico-social” visto que a prática social e a discursiva não estão deslocadas de uma história social de vida, de formação, de um ciclo histórico de “idas e vindas”.

De acordo com Singer (1987), a língua seria uma manifestação de percepções, atitudes, valores e sistemas de crenças e descrenças de um determinado grupo social partilhado por um grupo social que a partir de um padrão similar de percepções teria uma cultura própria.

Segundo Behrens (1996) estas práticas discursivas podem ser vistas nas relações de parceria e interatividade, de criatividade e articulação, de aprender a aprender voltadas à construção do conhecimento em uma parceria com os alunos. Não esquecendo também que esse aluno, segundo o autor precisa ultrapassar o papel passivo de aprender, de escutar, de decorar e de ser repetidor fiel dos ensinamentos do professor para tornar-se crítico, criativo, pesquisador atuante na produção de conhecimento.

Inserido no contexto das redes, Recuero (2004) defende que a rede social na internet é constituída por dois elementos básicos: os atores, que ao estabelecerem as suas conexões se relacionam e estabelecem laços sociais e a interação social, pois eles vão se conectando aos outros e a rede vai ampliando entre nativos e imigrantes digitais.

O nosso jovem aluno vê-se cada vez mais confrontado com a necessidade de comunicar com o Outro, e ainda perceber e compreender-se a Si Mesmo e ao Outro que com ele convive. Desafio ao qual se junta a necessidade cada vez mais proeminente de se preparar para enfrentar um mundo global. [...] (BRANCO, 2011, p. 1)

Na concepção de Lopes et al. (2007, p. 17),

as tecnologias fazem, cada vez mais, parte de nossas vidas e o desafio passa a ser a implementação de propostas de ensino e de aprendizagem que integrem

muito mais do que simples recursos tecnológicos, mas que propiciem novas práticas pedagógicas.

Neste contexto, com relação ao nosso projeto junto aos docentes da Aldeia Bananal, tem sido desafiador estabelecer práticas educativas que proporcionem o encontro e o diálogo entre culturas tão diferenciadas e consequentemente a negociação.

Complementa esta ideia Branco (2011, p. 20), para quem o professor é o “mediador das aprendizagens, levando os discentes e, por vezes, toda a escola, a refletirem e questionarem as suas próprias vivências e aprendizagens, contribuindo para o desenvolvimento da competência intercultural”.

É importante portanto, analisar as percepções colhidas no ambiente virtual com relação à formação docente oferecida aos docentes indígenas no ambiente do *facebook*, nosso *locus* de aprendizado.

4. As percepções colhidas no ambiente virtual

No fórum disponibilizado no *facebook* e voltado à formação docente das professoras indígenas são abordadas temáticas sobre tecnologia e educação, pois se faz necessário que os sujeitos da pesquisa adaptem-se aos avanços tecnológicos, e adquiram os benefícios que a modernidade oferece.

Em vários debates eles ressaltam a importância da cultura e da identidade indígena, que mesmo estando sempre de mãos dadas a desafios e superações, principalmente na educação, eles acreditam que não podem perder seus valores e costumes, que são heranças deixadas por diversas gerações. Em outras palavras, não podem deixar de “ser índio”.

A professora ora intitulada D1, uma das participantes do projeto diz que “vivemos no mundo globalizado, onde tudo que fazemos está dentro deste mundo, e não tem como fugir disso, e por isso precisamos adaptar a ele”.

A cultura é a maior riqueza de um povo, e ligado a este fator, está a ideia do compartilhamento, tanto para a preservação como para a expansão de conhecimentos, saberes, trabalhos realizados tanto na escola quanto na vida pessoal. E em virtude disso, foi realizado um debate sobre Cultura, onde uma das professoras pesquisadoras, ora denominada Pesq 1

disponibilizou um trecho do artigo “Cibercultura – Cultura e Identidade” de André Lemos, que pondera:

A cultura não deve ser propriedade privada já que sua riqueza se dá no livre intercâmbio de experiências, nas mútuas influências e na abertura ao “mundo da vida”. O que sabemos do mundo (e de nós mesmos) vem daquilo que herdamos dos outros, do que lemos, ouvimos, aprendemos, vivenciamos. A liberdade e a identidade não devem ser opostas mas complementares. Nesse sentido a cibercultura está instaurando um movimento global de trocas, de compartilhamento e de trabalho colaborativo, independente de localidade ou espaço físico, independente do *locus* cultural e/ou identitário. Trata-se talvez de uma das facetas mais interessantes do atual processo de globalização. (LEMOS, 2009)

Com a introdução da tecnologia no cotidiano indígena, eles adquiriram capacitação para trazer melhorias pessoais em grupo. Existem professores que usam o notebook, produto adquirido por meio dos fomentos da pesquisa, para planejar aulas, filmar atividades realizadas na escola (peças teatrais, a prática discursiva terena, músicas, artesanatos, etc.), montar dinâmicas com os alunos, ou até mesmo nos estudos e afazeres da faculdade de algumas docentes, como mestrado, doutorado etc.

O resultado é positivo e existe reconhecimento e satisfação dos participantes da formação continuada. Mais uma vez, a professora D1 uma das mais assíduas participantes postou na página do *facebook*, afirmando que:

é bom ver que existem pesquisas sobre a tecnologia, e que não somos meros professores em um navio sem onde ancorar, e que por mais que os desafios sejam enormes, e muitas vezes desconhecidos, podemos chegar e ancorar em segurança, tendo a certeza que esta semente, que está sendo plantada trará um caminho desconhecido para o conhecido, onde germinarão novas sementes.

É sabida a dificuldade que existe durante todo o aprendizado, e que a única solução é repassar os conhecimentos de forma clara e coesa, a fim de capacitá-los de maneira sucinta, ensinando o essencial e dando liberdade para a exploração de outros mecanismos. Muito comentado durante as visitas na Aldeia Bananal, é o receio que os participantes da formação têm em lidar com o notebook e em qualquer tecnologia. Existe um medo de estragar a máquina, não saber manusear certos programas e até de curtir, comentar e compartilhar as publicações no grupo do *facebook*, alegando insegurança, medo e vergonha.

As oficinas realizadas na Aldeia e todo apoio dado virtualmente fazem com que eles consigam entender melhor a razão do projeto. É muito válido comentar sobre a evolução que eles tiveram na rede social. A

participação completamente ativa com postagens e comentários, não só voltados ao projeto, mas como também do dia-a-dia. A professora intitulada D2 ressalta que “é bom fazer parte da vida dos alunos, pois fazendo parte desse crescimento intelectual, que é a fase mais importante, consequentemente faremos parte da vida desses meninos.”

Ao ter contato com a tecnologia é estabelecida uma aliança em prol da comunidade, tanto na área educacional como trabalhista, pois um acaba ensinando o outro, aumentando assim, as chances de inclusão social.

Este tipo de formação foi ancorado em uma participação ativa de todos, de maneira colaborativa e dialógica. Os professores participantes no projeto criaram o hábito de postar, compartilhar e comentar várias publicações voltadas à educação e tecnologia no ambiente virtual de trabalho. Tal atitude, também colaborou de maneira efetiva na comunicação entre os membros do grupo, assim como no aprendizado dos professores e na aplicação em sala de aula.

5. Considerações finais

Apesar de honrarem os costumes e a tradição, os indígenas estão abertos para receber a influência que vem de fora, pois o aprendizado virtual nas comunidades indígenas indaga a capacidade deles decidirem qual tecnologia irão adotar, como, quando e por que.

O computador e a tecnologia em geral são instrumentos a mais na vida indígena, onde a melhor maneira de usar estes, é lendo, comentando, repassando e compartilhando mensagens de forma estratégica, com intuito de aprender a lidar com novos desafios, enfrentar as dificuldades de diferentes mundos e criar argumentos construtivos para a defesa da cultura em uma nova era.

O avanço tecnológico na formação da comunidade docente indígena provoca mudanças de hábitos na relação do professor e aluno. Mudanças benéficas, que estimulam o conhecimento de diversos assuntos através de perspectivas diferentes. Através de textos, fotos, vídeos e outros recursos da internet, é possível promover a ideia de estudar e pesquisar de maneira mais completa, os assuntos do dia-a-dia, histórias e antepassados, questões culturais e pertinentes ao conteúdo letivo etc.

Mas além de resultado momentâneo, o uso da tecnologia também pode ser útil para a qualificação tanto dos professores atuantes do projeto, como também dos próprios alunos e demais membros da Aldeia, que tem a possibilidade de ter contato com o mundo virtual e sentir a integração em uma realidade que parecia distante.

Em uma análise cultural, podemos destacar que, a tecnologia nas comunidades indígenas facilita a comunicação e informação, o que consequentemente estimula um diálogo intercultural que preserva, resgata, valoriza e projeta a tradição e os costumes, promovendo um respeito pelas diferenças, assim como uma complementação e enriquecimento de conteúdo a ser falado, escrito, ensinado e repassado.

Evidente que existam dificuldades na interação nesse mundo globalizado, porém é um desafio que permite a exploração de ideias e inovações para a educação de novas gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Raquel Goulart. *Formação de professores, tecnologias e linguagens*. São Paulo: Loyola, 2002.

BRANCO Diana Manuel Sousa. *A competência intercultural no ensino: Propostas para formação contínua de professores dos 2º e 3º ciclos do ensino básico*. 2011. Dissertação (de Mestrado). – Universidade Aberta, Portugal.

BYRAM, M. *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 1997.

CANALE, M.; SWAIN, M. Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. *Applied Linguistics*, vol. 1, n. 1, 1980.

FISCHER Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, vol. 12, n. 35, 2007.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HYMES, D. *Competence and performance in linguistic theory*. In: HUXLEY, R.; INGRAM, E. (Eds.). *Language acquisition: Models and methods*. London: Academic Press, 1971.

JOHNSON, M. *A Philosophy of Second Language Acquisition*. New York: Vail Ballou Press, 2004.

LE MOS, André. *Cultura e identidade: em direção a uma cultura copyleft*. Disponível em:

<<http://virtualbib.fgv.br/dspace/handle/10438/2796?show=full>>.

RECUERO, Raquel da Cunha. Teoria das redes e redes sociais na Internet. In: *XXVII INTERCOM*. Porto Alegre: PUC/RS, 2004.

RUBIO Manuel M. El desarrollo de la competencia comunicativa intercultural en la formación inicial docente. *Estudios Pedagógicos*, vol. XXXV, n. 1, p. 273-286, 2009.

SILVA, Marco. *Tecnologia educacional*. Sala de aula interativa: A educação presencial e a distância em sintonia com a Era Digital e com a Cidadania 1. Disponível em:

<<http://www.senac.br/informativo/bts/272/boltec272e.htm>>. Acesso em: 20-06-2014.

SINGER, Marshall. *Intercultural Communication: A Perceptual Approach*. New Jersey: Prentice Hall, 1987.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

XAVIER, Antonio C. S. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. 2002. Tese (de Doutorado). – Unicamp, Campinas.